

Comarca das Maças

(Édipo da Mitologia ao Cotidiano)

Introdução

Os Mitos

Do latim se deriva mito: *mythos*¹, que significa fábula, palavra, discurso. Os mitos são uma constante universal. Do povo mais primitivo ao mais evoluído culturalmente, todos os conglomerados humanos possuem seus mitos, que costumam não ser muito diferentes dos de outros povos, por mais distantes que estejam, tanto no tempo quanto na distância. Os mitos possuem uma aura sagrada, e boa parte deles se referem a origem dos deuses. O homem sempre tentou desvender seu mais antigo clichê: "de onde viemos, para onde vamos". No estudo dos mitos vemos que mesmo chegando à criação do homem por algum deus, a pergunta se transfere para a origem dos deuses. Ou seja: para cada resposta (verdadeira ou não), nossa capacidade pensante consegue capacitar um outro sem-fim de perguntas e assim por diante e para sempre.

O estudo dos mitos que tentam explicar o nascimento dos deuses chamam-se Teogonia e o estudo que se ocupa com a criação do mundo chama-se Cosmogonia. Esses estudos mostram que muitas religiões e seitas, ao reproduzirem seus ritos² estão, fundamentalmente a reproduzir mitos, pelo menos em alguns aspectos e detalhes.

Vejamos o que poeta Paulo Leminski³ escreveu sobre o Mito:

¹ No baixo latim, *mythus*.

² Em Antropologia, considera-se que o **mito** precede o **rito**.

³ Leminski, Paulo: *Metamorfose, uma viagem pelo imaginário grego*. (Obra póstuma). Editora Iluminuras, São Paulo, 1994. Pg. 70.

"Fundamental recuperar o pleno sentido da palavra 'mito', vocábulo grego que, entre nós, acabou sub-significando 'mentira', 'falsidade', 'patranha', 'enganação'.

Não é o sentido original.

'Mito' é palavra fundadora, a fábula matriz, a estrutura primordial, leitura analógica do mundo e da vida.

Sobretudo, uma leitura criativa. Ideogrâmica. Uma co-criação.

O mistério da vida se explica com os mistérios das fábulas. As fábulas contém a chave semântica última dos eventos e efemérides.

Mito, filosofia, ciência. O mito é um dos explicadores. O mais antigo, donde os outros saíram. Mas não é uma forma superada.

Um mito não se supera.

A Física de Ptolomeu ou a Química de Lavoisier podem ser superadas.

O Mito de Édipo não pode.

Ele é o que foi, e assim será, para sempre.

Como todo mito, é uma leitura absoluta das essências."

O Pecado de Existir

O homem é fruto de um "pecado original", que dito de outro modo poderia ser "culpa intrínseca". Na raiz do pecado, situa-se a transgressão de uma lei que tenta afastar o homem do prazer, e em muitas religiões a transgressão é, em última instância, um ato de rebeldia e insubmissão ao Criador.

O mito do pecado surgiu, dentre entre outras motivações, para que o humano pudesse controlar os impulsos, e com isso aumentar o peso da razão diminuindo (ou atenuando) o peso e a tendência à impulsividade. Em muitas religiões a ação profílica ao pecado é a ameaça explícita de que não logrará uma vida pós morte aquele que desreitou às leis do Criador. Formou-se também daí a relação pecado - sentimento de culpa - confissão - julgamento - condenação - punição ou reparação. O juiz dessa camarca também se chama superego, que é retroalimentado pela culpa e guarda uma forte relação com o Complexo de Édipo. O círculo vicioso possui a rotina em questão e foi previamente articulado para que buscássemos a perfeição, visto a idéia de um homem imagem e semelhança de Deus. Mas

estaria se falando de imagem física? Apenas o fenótipo? Imagem e semelhança de alguém perfeito implicaria na ausência das imperfeições humanas. Isto pode nos levar à crença de que somos únicos, mas por outro aspecto: seríamos originais e criativos em nossos pecados. Seríamos os "errados", o símbolo de uma imperfeição que nos afasta da idéia de imagem e semelhança divinas. Mas se fôssemos errados individualmente, os pecados não seriam universais, comuns e atemporais. No antigo testamento o pecado se opõe à fé, sendo uma conspiração proposital do que foi determinado por vontade de Deus.

No início do cristianismo, a composição dualista dos gregos levou a considerar o corpo como a fonte do pecado, sendo o desaguadouro dos males. As religiões cristãs apregoam que os pecados podem ser advindos dos atos, omissões, pensamentos e palavras.

Freud, com sua teoria da dualidade instintiva, avaliou os dois instintos básicos⁴ e laavrou o conceito de dualidade no sentido instintivo, ao postular que dentro do humano convivem (pacificamente ou não) um impulso de vida e outro de fundamento odioso, de auto-agressão.

Na cartilha dos pecados⁵, está enfileirada a listagem de situações que um ser humano seria potencialmente capaz de cometer. Mas não há como negar o enorme auxílio das religiões em auxiliar definitivamente para o controle dos impulsos⁶.

Para as civilizações primevas, pecado era tudo o que colocasse em risco a ordem social e natural. Ou seja: o que não prejudica a outrem. Talvez o primeiro momento onde os humanos poderiam ter adquirido uma noção mítica de criador tenha surgido quando, ao quebrar o galho de uma árvore, teria empregado metade da madeira para o fabrico de uma arma e a outra metade para criar um símbolo de devoção e de mágica contemplação.

As Maçãs

As maçãs hospedam o símbolo mítico do pecado. No caso do primeiro casal bíblico, temos a expulsão mais do que conhecida. Mas no fruto, e especialmente em seu paladar, há uma armadilha da natureza (ou Deus) para que a semente possa gerar outra árvore. O invólucro, belo e suculento, guarda a escondida mas visível sedução que convida para a eternidade da espécie. Ou seja: é proveitoso e necessário comer da maçã para

⁴ Instinto de Vida (Eros) e Instinto de morte

⁵ Os pecados capitais: preguiça, soberba, ira, avareza, luxúria, gula e inveja.

⁶ "A civilização repousa sobre o controle dos instintos" - Sigmund Freud

que possam nascer outras maçãs, isso literalmente ou não. A natureza pôs sabor nos alimentos para que nos alimentássemos com prazer.

O intercurso sexual também segue a mesma diretriz biológica: atração pela polpa (humano do sexo oposto) para que dessa relação resultem sementes (filhos), que por sua vez se tornarão a polpa sedutora dos frutos que em conseqüência irão atrair um outro ser e assim sucessiva e eternamente.

Paul Diel argumenta que a maçã significaria ou os desejos humanos em si ou a complacência em relação a esses desejos. Para Jeová, a maçã seria, em última instância, a necessidade de uma escolha, entre a virtude e a aceitação dos desejos terrenos.

Alexandre, o grande, enquanto procurava pela Água da Vida, relata que na Índia as maçãs prolongavam a vida. Simbolicamente, podemos atribuir a esse comentário a observação de que possa haver um "bom uso do pecado", já que atribuiu longevidade aos comedores de maçãs⁷.

Na mitologia celta, o consumo de maçã pode servir de antessala para alguma profecia. (Ou seja: após comer da maçã, algo acontecerá). Há inúmeras referências entre o consumo da maçã e algum posterior acontecimento. Uma mulher⁸ entrega ao guerreiro Condle⁹ uma maçã que alimenta-o durante um mês inteiro.

A maçã prazer-lenitivo encontramos entregue pelo deus Lug. Com o assassinato de Cian, ele oferece aos filhos órfãos três maçãs no jardim de Hespérides. Aos que comerem das frutas, não haverá mais dor, fome, sede ou doença. Ou seja: renovação e frescor perpétuo, o que nos dá a nítida impressão de vitalidade em um tempo (idade) de procriação (sexo e prazer).

O símbolo da maçã, segundo E. Bertrand, provém do fato de que, no seu interior, os alvéolos que recebem as sementes formariam uma estrela com cinco pontas, o que significaria o fruto da liberdade e do conhecimento. Deste enfoque, comer da maçã seria assumir um estágio no qual as liberdades chegam pelo conhecimento, e daí a importância da inteligência, fazendo o homem empregá-la para lutar contra o mal ao mesmo tempo que exerce e exercita o direito de desejar o desejo. Encontramos esse raciocínio também na obra Sombra das Catedrais, onde afirma que o saber contido nelas está desenhado pela própria e peculiar disposição das sementes.

⁷ Para a Mitologia Escandinava, a maçã teria capacidades rejuvenescedoras.

⁸ Entre os Celtas, "A Mulher do outro Mundo".

⁹ Filho do Rei Conn, o "Herói das cem batalhas".

A Macieira e a Vitalidade

A Ilha de Avalon (Ynis Afallach em gaulês), ou Emain Ablach (em irlandês) é também conhecida como Pomar das Macieiras¹⁰. (É um pequeno galho de macieira que é entregue a Bran, antes que ele seja conduzido para o oceano). O Pomar das Macieiras é também o locus mítico onde descançam heróis vivos e mortos.

Na crença inglesa, teria sido lá que o Rei Artur ficou em retiro até libertar seus companheiros gálicos¹¹ dos grilhões opressores do estrangeiro. Merlim, ao que parece, ensinava seus discípulos de cima de uma macieira.

A Comarca das Maçãs

Seria no mínimo curioso que a espécie humana tivesse recebido um julgamento e uma condenação pelo crime mais natural e necessário para a existência da espécie. O *crescei e multiplica-vos*, para muitas religiões, só não seria pecado se a união entre o casal tivesse recebido bênção divina, através de um ritual. O que é ou não é pecado depende basicamente de leis formuladas por pecadores. Seria como se os prisioneiros de uma penitenciária deliberassem sobre grades, seguranças e administrassem o presídio.

Dizendo de outra forma, a instância para julgamento das fraquezas e pecados humanos, no que se refere aos afetos e ao sexo, guarda uma impossibilidade técnica. A comarca das maçãs seria o fórum de julgamento para o que é ou o que foi prazer e proibição ao mesmo tempo. Mas, se existe a maçã com sua polpa atrativa e suas sementes, é natural que ela seja desejada e incorporada, pois é da natureza e não do homem essa lei, como a lei da gravidade e a morte que virá um dia. Assim temos um paradoxo entre o prazer e a interdição. A lei não deve ferir o próprio espírito, pois gera um paradoxo insolúvel. Mas isso não impediu que os homens, no afã de manter a civilização, gastassem tempo e energia para controlar as maçãs ao mesmo tempo em que as guerras aconteçam oficial e legalmente, desde que o homem é homem.

Obvio que seria utópico¹² o pensamento de que um dia teremos um entendimento das questões humanas de modo melhor ou mais propício do que a mitologia sempre nos ofereceu. Ali estão os prazeres e a comarca para o julgamento que virá mais tarde ou mais cedo.

¹⁰ Macieira é *Abellio*, na língua Celta.

¹¹ Para os Gauleses, macieiras e carvalhos eram árvores sagradas.

¹² Utopia (*u-sem: topos -local*)

Na mitologia, muitos relatos dão conta da sedução, da consumação e do desfecho de cada pecado. Ela pode ser considerada, em última instância, como um código de comportamento onde está previsto o que não deve ser feito e a punição que determinado personagem mítico recebeu.

Na relação prazer x punição, os interditos aparecem como as maiores proibições. A tentativa filicida, o parricídio e o incesto no ciclo mítico de Édipo¹³, por exemplo, traçam um perfil do que pode habitar, mesmo em pequeno grau, as vicissitudes e sofrimentos do homem, com seu julgamento, muitas vezes realizado em uma comarca onde o réu pode funcionar inclusive como o juiz.

Édipo

Talvez não exista outra personagem que possa nos trazer tantos ensinamentos de uma só vez quanto Édipo. Encontramos ali a mentira (desde o nascimento de Édipo), o abandono e a rejeição, o amor e afeição, a disputa pelo poder, a luta pelo território e pela posse do objeto amado, a tentativa filicida, o parricídio consumado, as metáforas que acompanharam-no sempre, os acontecimentos com seus necessários entendimentos e desejável tradução, as descobertas com suas dores, gratidões e ingratidões, a culpa e a punição quando o desejo - inconsciente ou não - acaba regendo a vida apenas com as pautas do prazer.

¹³ Aristóteles considerava Édipo a personagem mais completa que já se teria composto, pois abrigava em um único ser inúmeras vicissitudes.